DESOBEDIÊNCIAS DE GÊNERO CONTRA O "CISTEMA" NA PERFORMANCE "ARAPUCA"[1]

Caetano Beck da Silva[2], Daiane Dordete Steckert Jacobs[3]

1. Vinculado ao projeto "Vocalidades Performativas no Teatro Narrativo Feminista".
2. Acadêmico do curso de Licenciatura em Teatro - CEART - bolsista PIVIC/UDESC.
3. Orientadora, Departamento de Artes Cênicas - CEART – ddordete@gmail.com.

Este resumo é um relato da pesquisa feita durante o projeto Vocalidades Performativas no Teatro Narrativo Feminista coordenado pela Profª. Drª. Daiane Dordete, do qual eu, Caetano Beck da Silva, participei como Bolsista Voluntário de Iniciação Científica do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A pesquisa começou em 2019, quando participei da disciplina Introdução do Teatro Feminista do Programa de Pós-Graduação em Teatro, ministrada pelas professoras Maria Brígida de Miranda e Daiane Dordete, e da produção da III Mostra Rosa Teatral.

Durante a disciplina, estudamos o movimento feminista, seus principais conceitos, alguns dos primeiros registros de teatro feminista no Brasil e algumas vertentes do movimento feminista e outros movimentos de resistência na cena teatral atualmente, através de algumas leituras como os artigos *Epistemologia feminista, gênero e história*, de Margareth Rago, e *Retratos de Augustine: de paciente histérica à heroína Feminista* de Maria Brígida de Miranda, e as teses *Performatividade transgênera: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral*, de Dodi Leal, e *Possível Cartografia para um corpo vocal* queer *em Performance*, de Daiane Dordete, além de muitos outros textos. Esses dois últimos citados foram os mais significantes para a minha pesquisa, pois remetem a temas como corpos *queer*, performatividade transgênera e vocalidade. Além das teses, foram escolhidos os livros *Manifesto Contrassexual*, de Paul B. Preciado, e *Performance, recepção e leitura*, de Paul Zumthor, durante encontros de orientação para a pesquisa com a professora orientadora que aconteceram no semestre seguinte à disciplina.

Também durante o segundo semestre de 2019, aconteceu a III Mostra Rosa Teatral, produzida pelas professoras Maria Brígida de Miranda e Daiane Dordete através do Programa de Extensão Mulheres em Cena. Participei da produção da Mostra, auxiliando os grupos que trouxeram apresentações teatrais para os espaços cênicos do Departamento de Artes Cênicas. Além de auxiliar as professoras na produção, durante a Mostra fiz a apresentação do meu solo - uma perfo-palestra chamada ARAPUCA - que contou posteriormente com uma roda de conversa, onde pude dialogar com Dodi Leal e Vulcanica Pokaropa: duas performers e pesquisadoras importantes no campo da performatividade transgênera da atualidade. Durante orientações com a professora orientadora, decidimos que uma análise da obra performance-solo citada, como também do processo de criação artística teatral, seria um interessante tema de pesquisa. Neste texto, relatarei brevemente o conteúdo da perfo-palestra e conjuntamente alguns aspectos da mesma que serão objetos de análise.

A peça ARAPUCA, que foi construída na disciplina de Interpretação Teatral IV ministrada pela professora Maria Brígida de Miranda no segundo semestre de 2018, traz à cena o corpo transgênero e o estranhamento que este corpo causa ao olhar normativo cisgênero, em três cenas. Na primeira cena, há uma discussão com a plateia sobre o padrão binário de gênero e

Apoio: CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico · fapesc Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina · GOVERNO DE SANTA CATARINA

como as pessoas presentes, majoritariamente cisgêneras, são cúmplices do "cistema" ao seguir determinadas regras da sociedade dominada pela cisheteronormatividade. A segunda cena insere o corpo trans presente no exagero da performance feminina esperada de uma pessoa determinada socialmente como "mulher", e, depois, da performance masculina esperada de uma pessoa determinada socialmente como "homem". A cena final busca que o corpo se liberte dos padrões impostos, utilizando ações íntimas de autocuidado e amor ao próprio corpo, que culminam em um grito de liberdade e luta pelas vidas transgêneras.

A materialidade visual é um importante aspecto de uma peça teatral, e em ARAPUCA a iluminação é feita em cena - à vista do público - pelo ator-performer. A luz conduz a peça, de modo que o olhar do público seja redimensionado para as diversas emoções e sensações do corpo trans em questão. Para a análise da iluminação cênica da peça, foi de extrema importância o livro *Luzvesti*, da professora, pesquisadora e iluminadora Dodi Leal, que - assim como eu - sentiu a necessidade de ligar a corporalidade transgênera com sua pesquisa em iluminação:

> A descoberta do potencial performativo da luz cênica como caminho de configuração visual das transgeneridades, expresso no termo *luzvesti*, sumariza a necessária inventividade que precisei dispor para aliar com fineza e perspicácia os trabalhos e mobilizações que venho fazendo ao longo do meu percurso artístico, profissional e acadêmico.[1]

Outro aspecto de extrema importância na análise da peça é a performance vocal. Vocalidade é um aspecto muito expressivo do corpo, ligado a muitos condicionamentos sociais e culturais. "Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo." Durante a peça, embarco por uma viagem a diversos lugares anteriormente desconhecidos da minha voz, buscando principalmente lugares ligados a uma performance de gênero. Além do livro de Paul Zumthor[2], a tese de Daiane Dordete (professora orientadora desta pesquisa) também é utilizada como base para a análise da performance vocal.

Durante os semestres de pesquisa, busquei refletir afundo sobre aspectos da performance desenvolvida por mim e que continua em construção, conjuntamente com a construção do performer que sou. Existe uma necessidade de conexão com um público que se identifique com as questões debatidas na peça para que reflexões sejam feitas e tirei enorme proveito das reflexões que foram feitas em orientações sobre a pesquisa, no bate-papo sobre a peça e nas leituras de pesquisadories citades, de modo que tudo isso refletiu e reflete na execução da peça aqui analisada. Como pesquisador, performer e futuro professor é de meu interesse que a pesquisa feita siga caminhando e que possa dialogar com mais artistas desobedientes de gênero em seu caminho.

Palavras-chave: Performance transgênera. Vocalidade. Iluminação cênica.

---

[1] LEAL, Dodi. *LUZVESTI:* Iluminação cênica, corpomídia e desobediências de gênero. Salvador, BA: Editora Devires, 2018.

[2] ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. 2ª. Ed. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.